



A Alca de Lula
Presidente brasileiro quer um acordo que respeite as diferenças.
Página 5

Economia & NEGÓCIOS

Economia

DOMINGO, 2 DE NOVEMBRO DE 2003

Economia - Brasil

Investimentos esperam por mais garantias

Empresas querem regras estáveis, marco regulatório e desoneração tributária

FERNANDO DANTAS

RIO - As empresas brasileiras querem garantias para investir. Na sexta-feira, dia 24, o ministro da Fazenda, Antônio Palocci, pediu a retomada dos investimentos em rede nacional de televisão. O setor produtivo, porém, ainda tem dúvidas sobre a volta do crescimento econômico e quer regras mais estáveis, marco regulatório racional e desoneração tributária dos investimentos.

As empresas estão dispostas a investir, mas com cautela e atentas à conjuntura econômica. O diretor-ge-

Investimentos voltam a fazer parte da agenda dos empresários, mas de forma ainda tímida

Horácio Lafer Piva,
presidente da Fiesp

mental da fabricante de papel Klabin, Miguel Sampol, sintetiza o que está na mente de muitos executivos e empresários: "Se você fizer uma comparação com um ano atrás, o ambiente agora é melhor, e certas inseguranças já não existem. Mas o risco Brasil, acima de 600 pontos, ainda é muito alto, e isto faz com que o custo de capital conti-

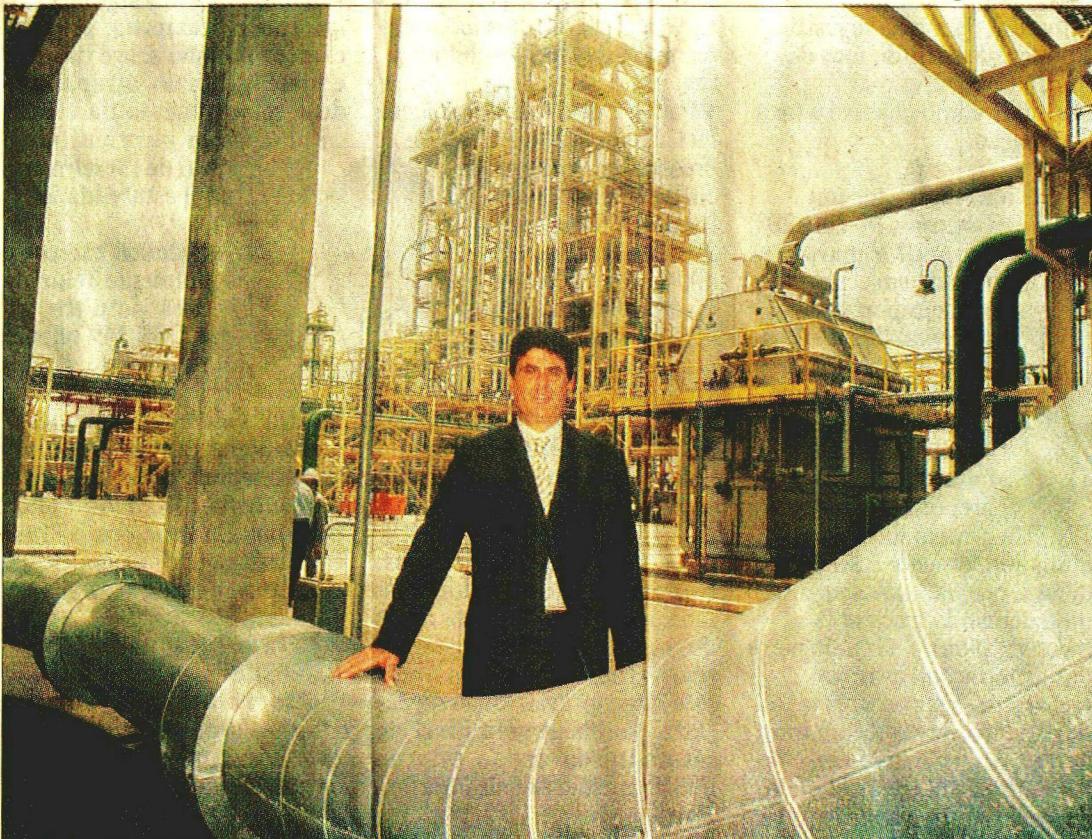
nue muito elevado".

Além de um investimento pequeno, na fábrica integrada de celulose e papel de embalagem de Monte Alegre, o projeto mais ambicioso da Klabin, ainda não orçado, é o de aumentar de 1,5 milhão para 2 milhões de toneladas a sua produção total de papéis e cartões, num horizonte de 4 a 5 anos. Sampol diz que esse plano de investimentos está ligado às exportações, já que houve queda em 2003 nas vendas dos produtos voltados ao mercado interno, como caixas de papelão ondulado e sacos multifolhados.

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Horácio Lafer Piva, diz que "os investimentos voltam a fazer parte da agenda dos empresários, mas de forma tímida".

"É fundamental que a taxa de juros caia", acrescenta Piva. Ele também cobra do governo a desoneração tributária dos investimentos. "Nenhum país onera investimento, esta é uma das diferenças que só o Brasil tem."

A apreensão quanto à retomada da economia é comum às grandes, pequenas e médias em-



José Ricardo Roriz Coelho, da Polibrasil: decisão tomada de investir em nova unidade

presas. A Boavistense, empresa de balas e confeitos em Erechim, está montando um projeto de investimentos de mais de R\$ 6 milhões. "Mas não é certo que o projeto acabe se concretizando", ressalva o diretor Jáder Piccin. A decisão final vai depender do câmbio (a Boavistense é grande exportadora) e de "uma sinalização mais forte de crescimento interno da economia".

A área de infra-estrutura é

vista como uma das mais problemáticas para a retomada dos investimentos. José Augusto Marques, presidente da Associação Brasileira da Infra-estrutura e Indústrias de Base (Abid), observa que "há sinais trocados" em termos de investimentos. Ele nota que o governo sinaliza que quer investimentos privados, mas o plano plurianual e o Orçamento de 2004 têm um volume de investimentos estatais que "está fora da

realidade". Marques diz ser fundamental a definição de marcos regulatórios, e observa que o novo modelo do setor elétrico "ainda está distante".

Mesmo nas empresas que, por questões de mercado, vêm realizando grandes investimentos, há uma forte expectativa em relação à consolidação de um ambiente econômico robusto. É o caso, por exemplo, da Aracruz Celulose, maior fabricante de celulose do Brasil, que

exporta 96% ou mais da sua produção. A Aracruz entrou, nos últimos anos, numa maratona de investimentos que está elevando sua capacidade de 1,3 milhão de toneladas para 3 milhões, a um custo de aproximadamente US\$ 2 bilhões (nestes números, está incluído um projeto em conjunto com a empresa sueco-finlandesa Stora Enso).

O diretor comercial, João Felipe Carsalade, porém, disse em recente entrevista ao *Estado* que, dadas as espetaculares condições de competitividade do Brasil neste setor, o investimento poderia ser maior. "O nosso custo de capital é muito mais alto do que o dos nossos concorrentes", ele disse, explicando que não está se referindo apenas ao mundo desenvolvido, mas também a países como o Chile.

Apesar disso, há grupos que estão decididos a investir motivados pela maior demanda por seus produtos. A Polibrasil, grande fabricante de resinas plásticas, vai gastar R\$ 45 milhões numa nova unidade no Estado de São Paulo. Até o fim do mês, vamos decidir o local", diz o presidente da companhia, José Ricardo Roriz Coelho. A nova fábrica terá capacidade para produzir 35 mil toneladas de compostos de polipropileno por ano, e vai atender principalmente a indústria automobilística. "É crescente o uso de material plástico nos automóveis."

■ Mais informações nas pág. 3 e 4

